

## Cecília Meireles e Lévi-Strauss: dois caminhos para a Índia

Profa. Dra. Raquel Illescas Bueno<sup>1</sup> (UFPR)

### Resumo:

*Comparam-se representações da Índia feitas por viajantes-escritores no início da década de 1950. São estudadas as **Crônicas de viagem** de Cecília Meireles (1901-1964) e os relatos de caráter memorialístico do antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009) reunidos em **Tristes trópicos** (1955). Com base nas reflexões de Edward Said, objetiva-se investigar se as semelhanças e diferenças entre as representações devem-se principalmente à fatura estética ou a concepções prévias dos escritores sobre os lugares visitados, em especial no tocante aos aspectos culturais.*

**Palavras-chave:** crônica de viagem, Orientalismo, Cecília Meireles, Lévi-Strauss, Índia

### 1 Introdução

Este trabalho compara as visões da Índia que dois escritores-viajantes nos legaram no início dos anos 1950, pouco tempo após a independência desse país. Parte-se das reflexões críticas desenvolvidas por Edward Said, principalmente em **Orientalismo** (1978). Porém, menos que um texto concebido no âmbito dos estudos pós-coloniais, trata-se de estudo sobre a literatura de viagens em seu diálogo espontâneo com as ciências sociais, em especial a antropologia. Mais especificamente – e aí entra a contribuição de Said – o intuito é comparar representações diferentes, discursos diversos construídos com base numa realidade comum, averiguando o quanto eles são matizados pelo olhar etnográfico de um viajante-leitor. Explicitando: viajante efetivo, que se desloca no espaço e que acumulou conhecimento a respeito do local antes de dirigir-se para lá.

Primeiramente, será analisada a maneira complexa como Claude Lévi-Strauss expõe questões suscitadas pela alteridade em textos em que ele próprio, o antropólogo, é também objeto de conhecimento. A presença do elemento autobiográfico permeia o pensamento. O autor reconhece que o contato direto com a cultura oriental foi marcante em sua vida, assim como fora marcante a experiência vivida no Brasil, poucos anos antes. Para ele, a consideração dos fatores econômicos chega sempre antes de alguma explicação mística. Mas os textos mostram também suas reações humanas, a irritação e mesmo a dor por não compreender a alteridade mais radical com que se depara.

Em segundo lugar, analisarei as crônicas de viagem de Cecília Meireles, que surpreendem quem só a conheça como poeta. A explicação inicial para o verdadeiro encantamento de Cecília por aquele lado do mundo encontra-se no seu convívio com a cultura e a espiritualidade orientais, o que ocorreu desde muito cedo em sua vida. Nas crônicas, Cecília prioriza os elementos sensoriais – também presentes no relato de Lévi-Strauss – mas não deixa de referir-se à realidade concreta, que incluía multidões de refugiados, miséria e cenas de restrição à liberdade. O *quantum* de subjetividade e lirismo que o leitor habitual da poeta espera encontrar em qualquer texto seu faz-se presente também. Como é natural em descrições espaciais, os aspectos visuais se destacam, e são bastante detalhados. O cromatismo dos sáris, por exemplo, é potencializado pelos efeitos da luz que aproveita a transparência dos tecidos. Também aparecem com frequência percepções auditivas, olfativas, táteis, gustativas, e sinestésicas. Dessa forma, os relatos de Cecília dialogam menos com o que Lévi-Strauss veio a denominar pensamento científico, para se aproximarem do que ele chamou de pensamento selvagem. Isso não elide as reflexões sobre o contexto político mundial e, constantemente, anotações sobre o posicionamento do Ocidente em relação ao Oriente naquele

momento histórico específico.

Na grande maioria das crônicas é esse o movimento: das descrições miúdas para as reflexões filosóficas permeadas por um lirismo intenso. Ocorre que, diferenciando esse lirismo daquele dos poemas e mesmo das crônicas em geral de sua autoria, reafirma-se de alguma maneira o real imediato, aquele que só a viagem permite contactar.

Tem-se, de um lado, um Lévi-Strauss menos científico – porque mais autobiográfico e reflexivo – portanto mais aproximado do que ele chamou “pensamento selvagem”. A diferença é perceptível se compararmos esses textos a sua obra explicitamente etnográfica. No outro polo, tem-se uma Cecília Meireles em que a forma de sentir e pensar instauradora de lirismo cede algum espaço às concretudes.

## 2 Mesmos destinos: Índia e Paquistão

Na Índia de meados do século 20, recém-separada do Paquistão e do atual território de Bangladesh, mais ainda do que nos dias de hoje, as massas de pessoas pobres ou miseráveis seriam visíveis mesmo para quem não estivesse especialmente interessado na aproximação com o outro. Entretanto, um dos pontos semelhantes entre os relatos de Cecília Meireles e de Lévi-Strauss é justamente o empenho de ambos em refletir sobre as diferenças sociais, redução da fome, garantia de mínimas condições de sobrevivência. Dessa intenção comum nascem, entretanto, reações muito diferentes à alteridade.

Vejamos como cada um deles descreve sua própria perplexidade diante de atitudes serviçais. Primeiro, Cecília Meireles, em “Retrato de uma outra família”:

a humildade da condição humana é um sentimento profundo, perenemente acordado nestes olhos que nos olham, nestes lábios que nos falam, neste gesto que ondula obediente, - e a doçura de ser humilde é tão adorável que se torna paradoxal, e é como um grande orgulho. Porque há no místico essa perturbadora incoerência; quanto maior seja a sua modéstia, e mais completa a sua renúncia, mais fácil a sua aproximação de Deus. (MEIRELES, 1999a, p. 174).

Em “Transparência de Calcutá”, Cecília emprega o verbo “explicar” para referir-se à maneira como a alteridade é percebida por ela: “há na Índia uma pobreza voluntária que explica muitas coisas” (MEIRELES, 1999b, p. 213). Bem diferente dessa percepção, Lévi-Strauss afirma, em **Tristes trópicos**:

Todo europeu na Índia vê-se – querendo ou não – cercado por um número respeitável de criados-que-fazem-de-tudo, que são chamados de *bearers*. Será o sistema de castas, será uma desigualdade social tradicional ou serão as exigências dos colonizadores que explicam sua sede de servir? Não sei, mas a subserviência que demonstram logo consegue deixar a atmosfera irrespirável. Eles se estirariam no chão para poupar-nos um passo no assoalho, propõem-nos dez banhos por dia: quando nos assoamos, quando comemos uma fruta, quando sujamos o dedo... A todo instante ficam rondando, implorando uma ordem. Há algo de erótico nessa ânsia de submissão. E se o nosso comportamento não corresponde à sua expectativa, se não agimos em todas as ocasiões tal como seus antigos senhores britânicos, seu universo desaba: não quer *pudding*? Banho depois do jantar em vez de antes? Então, nosso santo Deus já não existe... Estampa-se o desespero em seus rostos; apressadamente, dou marcha a ré, renuncio a meus hábitos ou a circunstâncias mais requintadas. Comerei uma pêra dura como pedra, um *custard* solado, já que devo pagar com o sacrifício de um abacaxi a salvação moral de um ser humano. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.130).

Tanto Cecília como Lévi-Strauss enfatizam o fato de que, no Oriente, ao contrário do Ocidente, cada um se sente constantemente em presença de seu Deus.

Os ambientes que esses dois viajantes engajados frequentaram permitiam que observassem também os círculos do poder. No caso de Cecília, isso aconteceu por ela ter viajado, a convite do primeiro-ministro indiano Jawaharlal Nehru, para proferir palestra num congresso organizado por instituições promotoras da paz. A efeméride em questão eram os cinco anos da morte de Gandhi, assassinado em 1948, ano da independência da Índia.

Já Lévi-Strauss refere-se menos diretamente a seus anfitriões indianos do que Cecília, mas sabe-se que viajou a convite da UNESCO, organismo internacional com o qual colaborava desde 1949. Em edição especial de **Le Courrier de l'UNESCO** sobre a obra do antropólogo, seu vínculo com esse órgão da ONU na época que interessa a este trabalho foi descrito da seguinte maneira:

il prit [alors] part à la commission internationale de savants charges de rédiger la première déclaration de l'UNESCO sur la race, parue en 1950. Cette même année, il fut mandaté par l'UNESCO pour effectuer une enquête sur l'état des sciences sociales au Pakistan. En 1951, il siégea au comité d'experts convoqués pour mettre en place le Conseil international des sciences sociales, dont il fut ensuite le premier Secrétaire général, de 1952 à 1961. (**Le Courrier de l'UNESCO**, 2008, p. 5)<sup>1</sup>

Por suas visões interessadas sobretudo na compreensão das diferenças culturais e sociais, por seus textos ricos em ideias e em imagens poéticas, tanto Lévi-Strauss quanto Cecília Meireles partem de um mesmo lugar. Também vale dizer que ambos eram antirracistas, e críticos da maneira como o Ocidente olhava para o Oriente.

### 3 Pontos de partida diferentes

Considerem-se, noutro sentido, os pontos de partida diferentes. Belga educado na França, Lévi-Strauss vez por outra trai em seu discurso uma visão antipática dos ingleses radicados na Índia. É difícil saber se a antipatia se deve aos laivos de imperialismo que resistiam à independência indiana, ou se é o caso de atribuí-la à absorção do célebre antagonismo entre a França e a Inglaterra. Já a identificação de Lévi-Strauss como um europeu que culpava a Europa por seus desmandos imperialistas, essa sim é central, e colocou há muito tempo o antropólogo como uma das vozes de maior prestígio sobre o assunto. Lévi-Strauss viajava então por um local cuja cultura ele conhecia muito superficialmente, como ele próprio deixa claro em diversas passagens dos relatos, por

---

<sup>1</sup> “[Em seguida], participou da comissão internacional de especialistas encarregados de redigir a primeira declaração da UNESCO sobre raça, publicada em 1950. No mesmo ano a UNESCO incumbiu-lhe a tarefa de efetuar um levantamento sobre o estado das ciências sociais no Paquistão. Em 1951, atuou no comitê de especialistas convocados para criar o Conselho Internacional de Ciências Sociais, do qual foi o primeiro Secretário Geral de 1952 a 1961”. Claude Lévi-Strauss: regards éloignés. *Le Courrier de l'Unesco*. Paris: UNESCO, n.5, 2008, p. 5.

O mesmo texto de apresentação do dossiê informa que na sequência Lévi-Strauss tornou-se crítico da política da UNESCO de incentivar as trocas culturais entre diferentes povos, indiscriminadamente, pois isso a seu ver colaboraria para eliminar as culturas locais, além de incentivar a explosão demográfica. Em 1971, ao defender essas ideias, Lévi-Strauss causou grande constrangimento aos dirigentes da UNESCO que o haviam convidado a falar. Porém, em 2005, quando as políticas da UNESCO já se haviam aproximado bastante do que Lévi-Strauss propusera, ele voltou a discursar naquele espaço e, apesar de ter defendido praticamente as mesmas ideias, foi ovacionado em pé durante longo tempo.

exemplo, ao afirmar que recebeu sua primeira aula de filosofia asiática em 1951<sup>2</sup>.

Cecília Meireles, por sua vez, era brasileira de origem lusitana, e desde a adolescência havia lido enorme quantidade de textos fundadores das culturas orientais, como o **Ramayana**, por exemplo. Dilip Loundo, acadêmico e principal divulgador da obra de Cecília na Índia, esclarece:

Embora o conteúdo de sua biblioteca pessoal não seja ainda do domínio público, uma leitura cuidadosa de sua prosa e poesia permite-nos facilmente detectar a profundidade de suas leituras sobre a cultura e sobre as personalidades da Índia e de outras regiões fronteiriças. Essas e outras leituras deram-lhe o suporte necessário para os cursos de literatura comparada e de literatura oriental que lecionou entre os anos de 1935 e 1937. É difícil imaginar um intelectual brasileiro da época com tamanha proficiência literária numa região considerada, até então, um reino de exotismo. Cecília Meireles debruçou-se, com afinco, sobre a literatura sânscrita, clássica e antiga: os épicos **Ramayana** e **Mahabharata**, os textos sagrados dos Vedas e dos **Upanishads**, os **Sutras** budistas, as fábulas do **Pancatantra**, as sagas históricas dos **Puranas** e o teatro do grande poeta Kalidasa (c. 375-415), entre outros. Leu e traduziu os poetas-místicos como é o caso de Kabir (1440-1518), Mirabai (1498-1547) e Tulsidas (c. 1543-1623); clássicos influentes da tradição árabe como **O livro de Simbad** e **As mil e uma noites**; e a poesia persa de autores como Firdusi (c. 940-1020), Hafiz (c. 1325-1389), Saadi (c. 1200-1291) e Omar Khayyam (c. 1050-1122). A galeria de orientistas, particularmente franceses, é por demais vasta para ser mencionada. (LOUNDO, 2007, p. 143-4).<sup>3</sup>

Cecília Meireles esteve sempre atenta ao fato de que o que os ocidentais pensavam ser o Oriente não era efetivamente o Oriente, tal como ela o concebia e como ela supunha que os próprios orientais o compreendessem. Como na crônica “Ritmo de um congresso”:

Nós, os do Ocidente, devíamos estar aqui para aprender. (Esta é a minha opinião.) Mas estamos também para contribuir. (O que me parece gentileza oriental.) Às vezes, nem ouço o que estão dizendo em redor da mesa. Vou fugindo, fugindo... Vou achando todos os pensamentos ocidentais rasteiros e incolores, diante da experiência humana deste lado do mundo, tão alta, tão viva, tão copiosa. (MEIRELES, 1999a, p. 188).

Seu desejo parece ser o de aliar-se à sensibilidade oriental e desde essa posição heteróclita denunciar os desmandos do Ocidente. Mas não se deve perder de vista a complexidade desse movimento: ela era uma ocidental que ensaiava ampliar dentro de si a predisposição a igualar-se e irmanar-se aos orientais. E isso por conta de afinidades místicas, de certa concepção de vida aproximada das crenças do budismo e do hinduísmo.

De religiosidade de certo modo eclética, Cecília considerava que toda a sabedoria estaria resumida na junção dos ensinamentos de alguns mestres orientais. Exemplo de sua religiosidade

<sup>2</sup> “Quand, après de longues années passées dans les deux Amériques, le signataire de ces lignes recevait l’an dernier, d’un conservateur de manuscrits bengali, sa première leçon de philosophie asiatique, il pouvait se laisser séduire par des schématisations trop rapides”. (“Quando, após longos anos passados entre as duas Américas, o signatário destas linhas recebeu, no ano passado, de um arquivista de manuscritos bengalis, sua primeira lição de filosofia asiática, deixou-se seduzir por esquematizações muito rápidas”). **Le Courrier de l’UNESCO**, n.5, 2008, p. 13.

<sup>3</sup> LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In. GOUVEA, Leila, org. *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.

aberta é o depoimento de uma de suas filhas, mencionando que, à beira da morte, Cecília sugeriu às filhas adultas que fossem batizadas<sup>4</sup>. Esse dado biográfico afasta a usual suposição de catolicismo conservador da poeta, sugerida talvez por sua participação no grupo da revista *Festa* nos anos 1920.

Lévi-Strauss, por sua vez, percebeu a religião muçulmana como intolerante, refratária à alteridade – na sua expressão: “incapazes de suportar a existência do outro como outro” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 382) – e carola (“carolice que impregna o pensamento moral e religioso”), o que lhe tem rendido críticas severas. Não o fez como simples reação: ele cita Pavlov e organiza um detalhado raciocínio para apresentar o que considerou aspectos paradoxais da cultura islâmica. Nada disso impede percebermos, como ele próprio reconheceu, que ele lançava um olhar quase iniciático para uma cultura com a qual havia tido poucos contatos.

Cecília, além de relatar com minúcia os debates travados ao longo do congresso, conta que acompanhou seu marido, Heitor Grillo, em eventos relacionados à área científica em que ele atuava, a agronomia, tendo visitado laboratórios de melhoria genética de espécies vegetais. Dessa concretude para seu universo referencial o passo é bastante curto. Senão vejamos: “por detrás desta linguagem de ciência (...) estou pensando em Sarojini Naidu, que tão bem celebrou as belezas do bazar (...) [E]stou pensando em Pierre Loti, impressionado pelas casas verdes e cor-de-rosa e a quantidade de turbantes que encontrava ao longo das ruas” (MEIRELES, 1999b, p. 46).

A poeta Sarojini Naidu foi a primeira mulher a presidir o Congresso Nacional indiano, e falecera há pouco tempo. Quanto a Pierre Loti (1850-1923), em **Orientalismo** Said refere-se a sua obra em dois momentos. De início, favoravelmente, por conta de narrativas que eram representações capazes de fazer ver ao europeu a diversidade do Oriente. Said acusa a genealogia oficial do orientalismo por desprezar “a grande contribuição da literatura imaginativa e de viagens” do tipo praticado por Loti. Essas, a seu ver, “dão um traçado mais nítido ‘ao grande mistério asiático’” (SAID, 2001, p. 108). Em outro capítulo, paradoxalmente, Said define Loti como um escritor menor de ficção exótica, cujos textos ofereciam aos leitores unicamente “caracteres pitorescos” (SAID, 2001, p. 257). Dentre os dois Loti que Said nos apresenta, qual seria o de Cecília: o orientalista de visão viciada por sua origem ocidental, ou o autor de textos esclarecedores sobre as diferenças entre diferentes lugares do Oriente?

Difícil saber, mas é certo que ao redigir uma simples crônica para a imprensa Cecília transitava com a maior naturalidade entre suas leituras anteriores de uma poeta indiana engajada no processo de emergência da Índia pós-colonial e de um orientalista francês do final do século 19, para destacar em ambos o valor da criação literária, da poesia. No mesmo texto, referente à cidade de Haiderabad, conhecemos detalhes do artesanato indiano daquela região específica e as espécies vegetais priorizadas pela Estação Experimental de Agricultura.

São muitos ou poucos, vastos ou limitados os saberes? Esse é outro ponto interessante para o estabelecimento de comparações. Qual a sabedoria do oriental? Quais os limites de cada viajante individual perante um universo cultural tão afastado do seu?

Um exemplo, em Lévi-Strauss:

Oferecem-nos tudo, comprometem-se a tudo, proclamam-se tendo todas as competências, quando na verdade nada sabem. Assim, obrigam-nos de saída a negar ao outro a qualidade humana que reside na boa-fé, no sentido do contrato e na capacidade de compromisso. *Rickshaw boys* propõem levar-nos a qualquer lugar, embora conheçam menos o itinerário do que nós. Assim, como não se enfurecer e – seja qual for o escrúpulo que temos em subir em seus carrinhos e

---

<sup>4</sup> “Mamãe – afirma Maria Mathilde – nos aconselhou a estudar todas as religiões, mas não nos impôs nenhuma delas. Coerente com esta posição, não nos batizou. Essa sua atitude religiosa nos causou muitos problemas (...) Só ao sentir a morte próxima mamãe nos pediu: ‘Minhas filhas, gostaria que vocês se batizassem para não ficar pagãs o resto da vida’”. Minha mãe Cecília Meireles. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1553, 21 jan. 1982.

sermos puxados por eles – não tratá-los como animais, já que nos forcem a considerá-los como tais por essa insensatez que demonstram? (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 127).

Novamente Cecília, agora se referindo a um vendedor ambulante de colírios em “Imagens do Paquistão”:

Os fregueses ocidentais olham para aquilo muito desconfiados, cheios de noções higiênicas, temendo aquele estilete que passa pela vista, como se estivessem diante de uma lança, querem saber o nome do pó, a sua natureza físico-química, – porque os ocidentais são assim. Mas o vendedor de colírio que sabe que aquilo se vende desde o princípio do mundo, e que as mulheres ficam mais bonitas, e os homens mais expressivos, sorri com uma superioridade patriarcal, e continua a passar o estilete pelos olhos, a encher os frasquinhos prateados, a receber dinheiro, a devolver o troco, a raspar a pedra, a encher outros frasquinhos, hoje, amanhã, depois, até o fim do mundo. (MEIRELES, 1999b, p. 67).

## **Conclusão**

Índia e Paquistão são vistos ora como tristes trópicos, pela superpopulação, pela fome e por comportamentos que beiram o animal, ora como o belo reduto de sobrevivência de uma cultura ancestral revelada nas atitudes humanas, a despeito do entorno cosmopolita, modernizado e pauperizado. Para Cecília Meireles, identificada com as crenças e tradições culturais indianas, a visão da realidade foi a confirmação da existência de um modo diferente de olhar e de sentir o tempo. Suas leituras orientalistas foram um ingrediente a mais de poesia, de cultura, a ser somado a tantos outros. Para Lévi-Strauss, em momento anterior aos seus estudos do budismo, tratou-se de um choque difícil de assimilar, que o levou a questionar os limites do humano, não em relação ao sobre-humano, e sim em relação a algo próximo do que – à falta de melhor palavra – pode ser chamado de infra-humano.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] Claude Lévi-Strauss: regards éloignés. **Le courrier de l'UNESCO**, Paris: UNESCO, n. 5, 2008.
- 2] LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- 3] LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In. GOUVEA, Leila, org. **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.
- 4] MEIRELES, Cecília. **Crônicas de viagem**, 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. (1999a).
- 5] \_\_\_\_\_. **Crônicas de viagem**, 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. (1999b).
- 6] \_\_\_\_\_. **Poesia completa**. Org. A. C. Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- 7] PASSETTI, Dorothea V. Lévi-Strauss e a UNESCO. PUC-SP, **Ponto-e-vírgula**, 3. Disponível em <http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n3/pdf/17-pv3-dorothea.pdf> . Acesso em 28 jun. 2011.
- 8] SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

**Raquel ILLESCAS BUENO, Dra.**  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
raquel.illescas@yahoo.com.br